



O SUJEITO, AINDA: O SER FALANTE E A ANÁLISE DO DISCURSO

Luciana Iost Vinhas¹

A reflexão sobre a concepção de sujeito ocupa espaço significativo na Análise do Discurso (AD). Quando o quadro epistemológico da teoria é apresentado (PÊCHEUX & FUCHS, 1997), explícita fica a presença de uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica atravessando e articulando, “de certo modo”, as três regiões do conhecimento científico que o compõem. São elas: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso.

Esse *atravessamento* da Psicanálise no quadro da AD metaforiza a própria divisão do sujeito. O sujeito é dividido porque não existe equivalência entre subjetividade e consciência. Sendo assim, existe tanto uma não-consciência quanto um inconsciente, ou seja, o sujeito ignora, de um lado, que não controla o que enuncia e, de outro, que não é a fonte do sentido². O gerenciamento desse processo acontece tanto por forças inconscientes quanto ideológicas. Aí está a clivagem do sujeito: não, dicotômica, mas dialética; não ambígua, mas contraditória; não causa, mas efeito.

Chamamos a atenção para a expressão “de certo modo”³ presente no texto de Pêcheux & Fuchs (1997, p.164). Ela revela que havia uma insegurança no que concerne ao papel da teoria psicanalítica na AD; contudo, isso vai paulatinamente se transformando. São consideráveis as reflexões desenvolvidas no Brasil a propósito desse aspecto, sendo a visada lacaniana mais adotada na relação com a AD por seu trabalho ter atribuído à linguagem lugar privilegiado.

Seguindo nessa linha, partimos da diferença promovida por Jacques Lacan na concepção de sujeito de seus últimos trabalhos, cuja base está na consideração do corpo na constituição da subjetividade. Lacan (2008) opera um deslocamento no seio da teoria psicanalítica ao trazer o conceito de *ser falante*, o qual não é somente ser de linguagem (\$), mas, também, é ser de corpo.

Destarte, faremos um esforço em aproximar a noção de corpo à subjetividade na AD, e realizaremos isso a partir de três premissas: (i) o sujeito não pode ser compreendido somente como *sujeito do inconsciente estruturado como linguagem* (sujeito lógico), pois, ao ser concebido também como corpo, há um deslocamento no sentido de se considerar a ordem afetiva como constitutiva dos processos de assujeitamento e de constituição do inconsciente; (ii) a determinação do sujeito é resultado de um processo não só sócio-histórico, mas, também, afetivo, relacionado à construção de uma memória afetivo-discursiva (cf. SILVA, 2010) que regula a ligação da formação discursiva com o interdiscurso; e (iii) a linguagem é, portanto, *alíngua*, para dar conta da questão afetiva na consideração da subjetividade.

¹ Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/campus Realeza) e doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² O inconsciente, de um lado, e a não-consciência, de outro, correspondem, respectivamente, aos esquecimentos nº 1 e nº 2 do sujeito: o esquecimento de que não é a fonte dos sentidos e de que não controla a enunciação (cf. PÊCHEUX, 2009).

³ A citação é: “Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 164).



Como pode ser observado nas três premissas supracitadas, não se pode desvincular corpo, linguagem e subjetividade na teoria psicanalítica. Nesse sentido, algumas ressignificações devem ser operadas da Psicanálise para a Análise do Discurso, a fim de esses três conceitos serem visualizados por uma ótica discursiva ao se pensar sobre a linguagem e a subjetividade enquanto dependentes do corpo. É a isso que se dedica o presente trabalho.

Referido trabalho enfocará a Psicanálise lacaniana, mas sem esquecer que a consideração do corpo na Psicanálise nada mais é do que um retorno a Freud. Foi a partir do corpo que a própria teoria psicanalítica foi desenvolvida, a partir da observação da histeria e dos sonhos. Lacan foi fiel a Freud, principalmente na terceira fase de suas reflexões. Em um primeiro momento, mais especificamente até o Seminário 1 (LACAN, 2009), os três registros – Imaginário, Real e Simbólico – eram entendidos como possuidores de uma certa independência, existindo mais ênfase no Imaginário (a elaboração sobre o Estádio do Espelho evidencia isso). Em seguida, Lacan altera esse quadro ao assumir a necessidade de os registros possuírem uma relação mais articulada. Aí é dado privilégio ao Simbólico, sendo o significante aquilo que constitui o sujeito. A estrutura da linguagem seria, então, o modelo da estrutura do inconsciente. Nesse momento, o Real é aquilo que resistiria à simbolização, ficando como resto, fora do signo. Aí está, então, o sujeito barrado, castrado, efeito metafórico, sempre na impossibilidade de significar tudo o que o seu desejo se lhe exige.

No entanto, na sua terceira fase de elaboração, marcada pelo Seminário 20, Lacan (2008) atribui maior importância ao Real, e o corpo é *reincorporado* às reflexões de ordem psicanalítica. Com ele surgem dois conceitos: a *alíngua* (*lalangue*) e o *ser falante* (*parlêtre*). Além disso, o Real é reconfigurado, bem como a própria estrutura da subjetividade. A estrutura do sujeito muda ao se atribuir ao Real mais consistência e relevância. Ela passa a ser uma topologia: o nó borromeano. A articulação dos três anéis revela que, na tentativa de um anel se desvincular da estrutura, toda ela se desmancha. A subjetividade possui efeitos (de corpo e de linguagem) em algum desses anéis.

O Real passa a não mais ser o impossível; trata-se, agora, do lugar do gozo, lugar do corpo. Ocorre, nessas considerações de Lacan, o retorno da satisfação pulsional na base da Psicanálise. Pensando nisso, Soler (2010) traz a noção de *corpo falante*, e diz que a virada lacaniana “desloca o campo da linguagem do Simbólico para o Real, pois o corpo do qual se trata não é o do estágio do espelho, o corpo da imagem, da forma. É o corpo substância que “se goza” e se situa no espaço da vida. Entra-se, pois, no capítulo da função e da incidência da fala sobre a substância viva” (p.11).

Sendo assim, a terceira fase da teoria lacaniana pode (e deve) ser elemento desestabilizador na Análise do Discurso, sendo importante para se refletir sobre os conceitos da AD. Não se trata de conceber um sujeito composto por corpo e alma, como o queria Descartes, mas de entender a constituição do sujeito como dependente de um corpo. Nesse sentido, é possível afirmar que parece ainda metafísica a concepção de subjetividade pecheutiana por não considerar o corpo (falante).

Antes de trazer os sentidos acima construídos para o seio da AD, é possível realizar uma breve retomada sobre a concepção de sujeito na teoria (cf. PÊCHEUX, 1997). Em um primeiro momento, tem-se o sujeito-estrutura, suporte, servo assujeitado dos discursos. Ele é gradativamente



conduzido ao conceito de sujeito barrado, capaz de identificações, contra-identificações e desidentificações. Surge, em seguida, o sujeito inserido em um ritual com falhas, povoado por lapsos e atos falhos, os quais permeiam o processo de interpelação ideológica.

O ser falante de Lacan se aproxima mais ao terceiro entendimento da concepção de sujeito da AD, pois os lapsos podem acontecer no real do corpo (e isso é discurso!). Sendo assim, para versar sobre o objeto do presente trabalho, ou seja, a relação entre o corpo falante⁴ e a Análise do Discurso, as três premissas anteriormente elencadas devem ser aqui retomadas e desenvolvidas.

A primeira delas refere que o \$sujeito (barrado) acaba tendo considerada a ordem afetiva no assujeitamento à ideologia e ao desejo na passagem para *corpo falante*. Há uma diferença na concepção de subjetividade, então, ao se admitir um outro termo para lhe fazer referência. Essa diferença abre espaço para o inconsciente responder ao desejo do sujeito, sendo que o desejo é construído com base em processos sócio-histórico-afetivos. Atribuímos relevância à história e à ideologia na constituição da subjetividade e, também, à satisfação pulsional, enquanto afetividade.

Os processos aqui cunhados de sócio-histórico-afetivos atuam na constituição do corpo falante na medida em que determinam como acontecerá a relação entre os três registros que estruturam a subjetividade; além disso, eles assujeitam o corpo falante a um grupo de saberes e afetos (e não a outros grupos). A relação de causalidade que acarreta na determinação do corpo falante como efeito da ideologia e do inconsciente leva em consideração tanto saberes quanto afetos.

Os saberes e os afetos são parte de diferentes processos no corpo falante, a seguir listados:

(i) *Processo de evidência e de recalçamento*, o qual trata da relação entre o Real e o Imaginário. A inconsciência da determinação sócio-histórico-afetiva está na base do esquecimento nº1. Esse esquecimento está associado à relação entre o inconsciente e o Real, pois há o recalque de saberes e de afetos que ocasionam efeitos de evidência, os quais são de ordem imaginária. Aquilo que é esquecido pode, no entanto, retornar devido à atuação da história e do desejo (como será visto no processo de ressignificação). Esse é o processo do bom sujeito.

(ii) *Processo de simbolização*, ancorado na relação entre o Imaginário e o Simbólico. Aqui acontece a relação entre a consciência e a pré-consciência com a linguagem, e é o espaço do esquecimento nº2. O sujeito tem a ilusão de que a linguagem revela exatamente o que chega à sua consciência. Ao mesmo tempo, na linguagem, o sujeito passa (às vezes) a questionar elementos do processo de evidência e de recalçamento. Nesse questionamento pode surgir a contra-identificação, o que caracteriza esse processo como o do mau-sujeito.

(iii) *Processo de ressignificação*, cuja base está na relação entre o Simbólico e o Real. De um lado estão a pré-consciência, a consciência e o Simbólico e, de outro, o inconsciente e o Real. Isso significa que a irrupção do Real no Simbólico permite um deslocamento ocasionado pelos dois processos anteriores. Esse é o processo do sujeito revolucionário.

⁴ Ao invés de ser falante, consideramos mais adequada a designação de Soler (2010) por dar mais ênfase ao corpo, restituindo os pontos que se ligam pela pulsão para constituir a subjetividade: corpo e linguagem.



Nesses três processos, o sujeito é constituído como corpo falante e significa na sociedade. Sendo assim, consideramos que a satisfação pulsional se reconfigura como afetividade na AD, englobando esse conceito uma dimensão da singularidade, do desejo, o qual circula entre os anéis da estrutura borromeana (não sem lutar contra as forças sócio-históricas). A satisfação vai mais além das fronteiras do organismo, por isso a importância de o *ser falante* ser incorporado à AD como *corpo falante*.

Mais pode ser acrescentado: a clivagem operada pela concepção psicanalítica traz consigo um jogo de forças do qual o sujeito não escapa senão através da linguagem, na equivocidade, no processo de ressignificação (no encontro com o Real). Assim, nesses conflitos, nessa dialética entre o inconsciente e o ideológico, há sujeito (ainda). É possível trazer aqui a afirmação de Orlandi (2005). A autora diz que “o sujeito é determinado pela exterioridade, mas, na forma-sujeito histórica que é a do capitalismo, ele se constitui por esta ambiguidade de, ao mesmo tempo, determinar o que diz. A formulação é o lugar em que esta contradição se realiza” (p.10). É, pois, na linguagem, na formulação, que pode acontecer a ruptura, o questionamento dos sentidos aos quais o sujeito é assujeitado, dando margem para a transformação, a reorganização dos saberes na formação discursiva. E isso é possível, porque o sujeito é desejante em virtude da sua incompletude.

A segunda premissa levantada faz referência à ideia de que a determinação é relacionada à memória, mas esta compreendida enquanto afetiva e discursiva (cf. SILVA, 2010). A memória, responsável pela regulação da ligação entre a formação discursiva (FD) e o interdiscurso, seria dependente de forças não só ideológicas como, também, da satisfação (afetivas). Os saberes que são assujeitadores dos corpos falantes dependem da relação da memória afetivo-discursiva com a formação discursiva e com o interdiscurso. Essa memória, conforme Silva (2010), seria “convocada em virtude da rememoração dos sentimentos e acontecimentos no ritual de interpelação ideológica da FD de referência” (p.12). Há a convivência entre saberes e afetos, existindo mais espaço para a singularidade no gesto de interpretação. Isso tudo é decorrente da consideração do corpo no processo de determinação sócio-histórica.

Althusser (1978) disse que a história não tem um Sujeito, mas um motor: a luta de classes. Pode-se dizer que, na relação com o outro e com a exterioridade, o sujeito tem um motor: o desejo (cf. FERREIRA, 2010). No entanto, fora de uma relação com o corpo, o desejo não existe. Sendo assim, para que haja rompimento, para que o sujeito não seja somente bom sujeito (talvez seja possível pensá-lo como um sujeito de instinto), deve ser considerado como constitutivo da sua subjetividade o corpo, não biológico, mas pulsional. Se há desejo é porque há corpo; se há rompimento, é porque há corpo. O rompimento emerge do Real, e o Real é o lugar do corpo. As paráfrases são quebradas no ritual da interpelação ideológica e surge a polissemia no intradiscurso pelo jogo de força entre inconsciente e ideologia, somente possível pelo desejo. Com relação a isso, vale trazer a afirmação de Birman (2007): “Freud nos disse não apenas que o desejo estava no cerne do sujeito, mas também que era aquele que nos movia e nos dava alento para existir, me impelindo decididamente para a transformação do mundo e para a criação de novas linguagens” (p.24-25).



A partir das reconsiderações feitas sobre a relação entre corpo, subjetividade, história e ideologia, pode-se falar sobre o estatuto da linguagem através da consideração do corpo falante na AD. Para isso, retomamos a terceira premissa anteriormente levantada, a qual parte da necessidade de rediscussão da concepção de linguagem. A linguagem passa a ser, também, *alíngua*, termo de Lacan que faz referência à língua materna. Soler (2010) melhor esclarece esse conceito:

Na alíngua, o ser significante se define pela pura diferença dos uns, sem prender-se ao sentido. Contrariamente ao simbólico, a alíngua não é um corpo, mas uma multiplicidade de diferenças que não tomou corpo. Ela não é um conjunto, não é uma estrutura, nem de linguagem, nem de discurso, pois não há ordem na alíngua. Alíngua é o nível a-estrutural do aparelho verbal, ao passo que a linguagem e o discurso⁵ são ordenações (p.16-17).

A partir de tudo o que foi mencionado, o que é o *corpo* para a Análise do Discurso, então?

A teoria da subjetividade de base psicanalítica (des)estrutura a AD. Sendo assim, o corpo da psicanálise pode ser nela incorporado, mas não deve ser desvinculado da exterioridade e da relação com a alteridade⁶.

A relação com a exterioridade deve ser compreendida pela intervenção da história e da ideologia. O modo como a história permite a simbolização se inscreve no corpo, da mesma forma que as instituições, representadas pelas formações ideológicas, e os saberes admitidos nessas instituições, presentes nas formações discursivas, encontram refúgio no controle dos corpos. Os corpos, enquanto materialidades significantes, são domesticados pela resposta que dão à ideologia. Já a relação com a alteridade, que se estabelece no âmbito das formações imaginárias, também acaba por inscrever no corpo efeitos resultantes dos sentidos construídos na relação com o outro.

Tanto do ponto de vista da alteridade como do ponto de vista da exterioridade, percebe-se que o corpo acaba por representar, na ordem do real, uma materialidade que permite a emergência de elementos do Real. Tal consideração corrobora a premissa de incompletude do sujeito. A emergência do Real no corpo (e na fala sobre o corpo) pode ter relação com o acontecimento. Sendo assim, tanto a relação com a exterioridade quanto a relação com a alteridade são da ordem do desejo, o que traz o corpo falante ao cerne da estrutura borromeana da AD – e não como um corte (cf. PÊCHEUX & FUCHS, 1997).

A proposta esboçada restringiu-se a pensar sobre as possíveis relações entre AD e Psicanálise ao se compreender o sujeito como corpo falante. A partir disso, poderão ser desenvolvidas análises ancoradas nessa configuração. Por um lado, o corpo pode ter voz, ou seja, as marcas no corpo podem materializar o desejo e/ou o assujeitamento; por outro lado, a voz pode

⁵ Importante referir que o “discurso” tratado por Soler não é o discurso pêcheuxtiano. Na psicanálise ele pode ser compreendido como fala.

⁶ Não se pode dizer que Freud e Lacan não trataram da exterioridade. Freud falou de *cultura*, ao passo que Lacan enfatizou o *discurso do Outro* (da alteridade). Contudo, ideologia e história não estiveram presentes nas suas reflexões.



materializar sentidos sobre o corpo⁷. Analisar o discurso é enxergar a contradição no trabalho da ideologia de construir a evidência dos sentidos. Sendo assim, o importante é que o corpo diz muito sobre os processos sócio-histórico-afetivos que determinam as subjetividades e constroem esses efeitos de evidência. A AD busca, cada vez mais, incorporar materialidades outras nessa reflexão (inclusive o próprio corpo).

Sendo assim, não só a linguagem, mas o corpo também deve ser considerado na constituição da subjetividade. Isso se justifica pois corpo e linguagem são formas materiais do discurso, sendo que, como já foi dito, o discurso envolve não só sentidos sócio-historicamente constituídos, mas, da mesma forma, sentidos constituídos a partir de uma causa afetiva. Sem esquecer que só há causa daquilo que falha...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Posições I*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BIRMAN, Joel. O sujeito desejante na contemporaneidade. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (orgs.) *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p.21-36.

FERNANDES, Maria Helena. *O corpo*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

ELIA, Luciano. O sujeito, o real e o social. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (orgs.) *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p.83-90.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, n. 48, p.17-34, 2010.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 20: mais, ainda*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. A Análise de Discurso: três épocas. Tradução de Jonas de A. Romualdo. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p.311-318. Título original: *Analyse du discours: trois époques*, 1983.

_____. FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p.163-252. Título original: *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, 1975.

SOLER, Colette. *O "corpo falante"*. Caderno de Stylus, n.1, 2010.

SILVA, Renata Silveira da. *O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT*. Tese de doutorado. Pelotas: UCPel, 2010.

⁷ Talvez esse seja um resquício da própria psico-análise: a cura do corpo pela palavra.